



OS LUGARES, O PERTENCIMENTO E A AMBIENTALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO BRASILEIRAS

Danielle Müller de Andrade¹
Elisabeth Brandão Schmidt²

RESUMO

Este artigo está circunscrito a reflexões derivadas de tese acerca do sentimento de pertencimento a um lugar, apontando elementos que possam contribuir para a ambientalização das Instituições de Ensino (IE). Parte da experiência de construção e implementação de uma cúpula geodésica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – campus Pelotas – Visconde da Graça (IFSul/CaVG) para sinalizar uma das possibilidades de ambientalizar as IE, especificamente no que se refere às suas instalações físicas. Assume a cúpula geodésica, construção sustentável cujas características arquitetônicas estimulam novas formas de ensinar, aprender e conviver, como referência de lugar privilegiado para o desenvolvimento de práticas de Educação Ambiental. Defende a ideia de que o estreitamento do vínculo das pessoas com os lugares onde vivem e convivem engendra e potencializa o sentimento de pertencimento, propiciando uma relação de cuidado e proteção ao meio ambiente.

Palavras-chave: Cúpula Geodésica. Ambientalização. Pertencimento.

PLACES, SENSE OF BELONGING AND ENVIRONMENTALIZATION OF BRAZILIAN EDUCATIONAL INSTITUTIONS

ABSTRACT

This paper focuses on reflections upon the sense of belonging to a place, generated by a doctoral dissertation, and shows elements that may contribute to environmentalization of educational institutions in Brazil. Its origin is the experience of building and implementing a geodesic dome at the *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense*, located in *Pelotas, RS, Brazil*, to show one of the possibilities of environmentalization of educational institutions, mainly related to their facilities. The geodesic dome is seen as a sustainable building whose architectural characteristics trigger new ways of teaching, learning and sharing experiences, i. e., a privileged place where practices in Environmental Education can be developed. It defends that narrowing the connection between people and places where they live and share develops and enhances the sense of belonging, thus leading to care and protection towards the environment.

Keywords: Geodesic Dome. Environmentalization. Sense of belonging.

LUGARES, PERTENENCIA Y AMBIENTALIZACIÓN DE LAS INSTITUCIONES DE ENSEÑANZA BRASILEÑAS

¹ Docente do IFsul - Campus Pelotas - Visconde da Graça. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – FURG. E-mail: <danielleca@gmail.com>

² Docente Titular do Instituto de Educação da FURG. Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e no Programa de Pós-Graduação em Educação da FURG. E-mail: <elisabethschmidt@furg.br>



RESUMEN

Este artículo está circunscrito a reflexiones derivadas de una tesis de doctorado, acerca del sentimiento de pertenencia a un lugar, apuntando elementos que puedan contribuir a la ambientalización de las Instituciones de Enseñanza (IE). Parte de la experiencia de construcción e implementación de una cúpula geodésica en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología Sul-río-grandense - campus *Pelotas- Visconde da Graça* (IFSul/CaVG) para señalar una de las posibilidades de ambientalizar las IE, específicamente en lo que se refiere a sus instalaciones físicas. Asume la cúpula geodésica, construcción sostenible cuyas características arquitectónicas estimulan nuevas formas de enseñar, aprender y convivir, como referencia de lugar privilegiado para el desarrollo de prácticas de Educación Ambiental. Defiende la idea de que el estrechamiento del vínculo de las personas con los lugares donde viven y conviven engendra y potencia el sentimiento de pertenencia, propiciando una relación de cuidado y protección al medio ambiente.

Palabras-clave: Cúpula Geodésica. Ambientalización. Pertenencia.

Introdução

O modo de vida contemporâneo vem provocando alterações no sentido da existência humana e, por consequência, nas relações que estabelecemos com os outros seres (humanos ou não) e com os lugares onde habitamos. É um tempo de relações cada vez mais distantes, menos presenciais e mais superficiais que, por sua vez, nos afastam dos outros, dos lugares e de nós mesmos.

A realidade que hoje se apresenta é a de um mundo em crise, onde os seres humanos vivem uma real e verdadeira crise de sentido. Nela, as pessoas vivem numa coexistência indiferenciada, com o sentimento de pertencimento a uma dada comunidade cultural quase nulo ou inexistente, ou em uma relação superficial e conflitiva, muitas vezes ligada apenas por interesses políticos ou econômicos, talvez produzidos e sustentados por uma rede bem controlada dos meios de comunicação de massa.

Desenraizados em sua relação com o outro, os seres humanos convivem em um mesmo espaço e em grupos, na maior parte das vezes neutros e distantes, ignorando o diferente, a singularidade, a alteridade. Sem a experiência da alteridade, o homem rompe o contato consigo mesmo, pois através desse diálogo interior, em constante movimento com a realidade social, é que ele dá sentido à sua própria existência.

De acordo com Bauman (2005), vivemos em um tempo em que as relações estão cada vez mais distantes e diluídas, onde tudo é instável e mutável, um tempo cunhado pelo autor de *modernidade líquida*. Neste tempo, que é pautado pelo avanço tecnológico e pela cultura da oferta, as redes de comunicação e informação constituem o lugar onde os indivíduos, com maior frequência, tecem as suas relações. Porém, as experiências vividas

nessas redes têm levado os indivíduos a distanciarem-se tanto das pessoas, quanto de seus lugares de origem e de permanência e, também, do mundo real.

É neste tempo, da modernidade líquida (BAUMAN, 2005), que o individualismo tem alcançado seu ápice. Os sujeitos cada vez mais vivem de relações artificiais e competitivas que os distanciam dos lugares e das pessoas, desencadeando, desta forma, a diminuição do sentimento de pertencimento para com o lugar onde habitam. Tal distanciamento tem sido apontado como um dos fatores responsáveis pelo agravamento da crise socioambiental atual (GRÜN, 2008; SÁ, 2005). Crise socioambiental que pode ser entendida como reflexo de uma sociedade fragmentária, que não dá conta das necessidades básicas da população, como educação, alimentação, saúde e lazer, evidenciando a escassez de princípios, valores e virtudes fundamentais para a vida saudável do ser humano.

Diante deste contexto e considerando que as Instituições de Ensino (IE) são lugares propícios à formação humana e, por consequência, potentes como meio para a transformação social, urge refletir sobre a sua estrutura com um todo, contemplando, dentre outras, as dimensões físicas, pedagógicas e curriculares. Também as possibilidades de, a partir da incorporação da dimensão ambiental no seu cotidiano, renovar as práticas pedagógicas com vistas à formação integral.

As reflexões que trazemos, neste artigo, são oriundas da experiência de construção e implementação de uma cúpula geodésica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Campus Pelotas – Visconde da Graça (IFSul/CaVG). Defendemos a ideia de que o processo instaurado no IFSul/CaVG poderá contribuir para a ambientalização das IE, tendo como referência as categorias lugar e pertencimento.

Cúpula geodésica do IFSul/CaVG: um lugar privilegiado para práticas educativas inovadoras

A partir da compreensão de que o movimento contínuo de constituição dos lugares possibilita o estabelecimento de outros valores, relações e perspectivas, a instituição formal de ensino, *locus* privilegiado para os processos de ensino e de aprendizagem pode, em seu movimento, tornar-se outra, refazer-se a partir de movimentos de transformações em seus diversos e diferentes aspectos, tais como pedagógicos, metodológicos, estruturais e físicos.

Neste sentido, torna-se necessário refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem que são comumente associados ao ambiente escolar, mais especificamente à sala de aula. Tais processos nem sempre estiveram restritos à escola e à sala de aula em seus formatos tradicionais. Platão proferia seus ensinamentos na *Akadémia*, que consistia em um *gymnasium* consagrado ao lendário herói. A *Akadémia* ficava situada em um bosque sagrado, ou seja, em um parque de subúrbio onde havia alamedas, árvores, estátuas e templos. Já Aristóteles discutia filosofia e proferia seus ensinamentos caminhando por entre as árvores de um bosque, onde se localizava o *Lúkeion*, chamado também de Liceu (WERMANN; MACHADO, 2016).

Seria pensar e movimentar a sala de aula no sentido de reorganizá-la, reinventá-la, transformá-la e refazê-la parece ser um dos caminhos para a ruptura com a educação tradicional ou bancária (FREIRE, 1996; 2011) e de constituição de uma educação mais afetiva e sensível (ESTÉVEZ, 2011). Uma educação que seja e esteja comprometida com a formação humana e que possibilite unir o que foi fragmentado pela lógica moderna e suas dicotomias, como corpo-mente, razão-emoção e intelecto-sensível, na tentativa de romper com a anestesia em que vivemos. Tal como salienta Duarte Jr. (2004), esta anestesia nos induz a não utilizarmos e estimularmos nossos sentidos, como o tato, visão, audição e paladar, o que tem nos distanciado do contato com o outro, dificultando nossa capacidade de compreender e apreender a vida por outras vias, que não a intelectual, como a via da sensibilidade, da afetividade e da beleza.

Aproximar a sala de aula da dinâmica da vida, tornar o espaço desta sala prazeroso e convidativo à aprendizagem contribui para que haja uma mudança no sentido da educação, tornando-a mais humanizante e humanizada. Tal como destacado por Moraes e Navas (2015, p. 19), a educação é um dos caminhos para a transformação do nosso modo de ser e estar no mundo, para uma maior integração e maturação das relações humanas e “para a construção de uma nova via civilizatória, um dos instrumentos capazes de regenerar valores, de promover a ética da diversidade e do compromisso com a justiça social”.

[...] pensar a educação em sua dinâmica complexa, ecossistêmica, global, reconhecendo a existência e a complementaridade do que acontece em outros espaços de aprendizagem. Esta não acontece apenas entre quatro paredes. Ela se dá nas mais diferentes situações, condições e possibilidades de conversações que acontecem na própria dinâmica da vida (MORAES; NAVAS 2015, p. 21).

Na tentativa de criar um ambiente diferenciado da sala de aula tradicional, tornando os processos de ensino e aprendizagem mais dinâmicos e interessantes, foi construída, no IFSul/CaVG, no ano de 2016, uma cúpula geodésica, concebida e efetivada como espaço educativo que se destina a práticas de educação ambiental no âmbito da Educação Básica, Técnica e Tecnológica (EBTT). Tal construção, desde sua fase de planejamento até a sua finalização, teve como subsídios educativos a partilha, a colaboração e o diálogo, os quais favoreceram um fazer e aprender coletivo.

O processo de construção foi motivado a partir da necessidade de romper com o modelo de sala de aula convencional e de estimular a reflexão sobre possibilidades de intervenções sustentáveis no IFSul/CaVG. Assim foi proposto, como trabalho de avaliação de uma disciplina do Curso Superior em Gestão Ambiental do IFSul/CaVG, que os alunos elaborassem projetos que articulassem os conceitos de educação ambiental e sustentabilidade para serem desenvolvidos no próprio Campus.

Dentre os trabalhos apresentados, ganhou destaque aquele que tinha como proposta a construção de uma cúpula geodésica, feita com estrutura de bambu, e que intenta representar a ligação entre natureza, tecnologia e boas práticas de sustentabilidade. Esta proposta, inicialmente apresentada por três alunos, foi incentivada, apoiada e executada pelos proponentes e pela professora responsável pela disciplina. Na fase final, a construção contou com a participação e o apoio de outras professoras e de estudantes dos Cursos Técnico Integrado e Subsequente em Meio Ambiente.

O bambu foi o material escolhido para a construção da cúpula geodésica por estar disponível no Campus e por reunir características condizentes com uma construção sustentável, já que é um material renovável. Sua capacidade de renovação, quando cortado de forma correta, garante seu rebroto, não comprometendo ou impactando na *vida* do bambuzal.

Respeitando a Lei 12.484/2011 (BRASIL, 2011), a qual dispõe sobre a Política Nacional de Incentivo ao Manejo Sustentado e ao Cultivo do Bambu, e considerando uma das diretrizes, dispostas no Art. 3º desta política, a qual prevê “a valorização do bambu como produto agro-silvo-cultural capaz de suprir as necessidades ecológicas, econômica, sociais e culturais”, foram cortadas e tratadas 120 varas de bambu, as quais compuseram a estrutura que media 10 metros de diâmetro por 5 metros de altura.

O processo de construção da cúpula geodésica envolveu, de forma espontânea, interdisciplinar e dialógica, professores/as e alunos/as dos cursos da área ambiental do Campus, os quais uniram esforços, trocaram experiências e compartilharam conhecimentos para que ela se concretizasse. Possibilitou, desta forma, o que preconiza Freire (1996), ao se referir ao processo de formação. Para o autor, “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 23).

Estrategicamente construída entre árvores e localizada na área central do IFSul/CaVG, a cúpula geodésica esteve rodeada de prédios administrativos, de salas de aula, quadra esportiva e refeitório, tendo sido utilizada como sala de aula, de reuniões e também como lugar de conversa e de descanso. O contato com o ambiente natural e com a fauna local era um convite à contemplação e ao sossego, tão necessários em tempos de aceleração, tal como mostra a figura 1.

Figura 1 - Cúpula geodésica do IFSul/CaVG



Fonte: arquivo pessoal de Inti Schlee (2016)

Algumas atividades foram realizadas na cúpula geodésica desde sua inauguração até dezembro de 2017 quando, por conta de um forte temporal de chuva e de vento, sua estrutura ficou danificada, impossibilitando reparos e ocasionando o seu desmanche. Dentre

elas o desenvolvimento de um projeto de extensão, que atendeu pessoas com surdez e que possibilitou a discussão acerca de questões ambientais e cidadania; a sua utilização, como sala de aula, por professores/as de outros cursos do campus; local para o desenvolvimento de projetos de ensino; para encontros de formação, para reuniões de alunos/as e, também como lugar de convivência.

A cúpula geodésica do IFSul/CAVG configurou-se como uma aproximação ao movimento de ambientalização das IE, coadunado ao disposto na Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, a qual institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental - DCNEA (BRASIL, 2012). Esta Resolução destaca, no quinto item do artigo 14, a necessidade da implementação de espaços educadores sustentáveis, apontando como uma das demandas da Educação Ambiental o “estímulo à constituição de IE como espaços educadores sustentáveis, integrando proposta curricular, gestão democrática, edificações, tornando-as referências de sustentabilidade socioambiental” (BRASIL, 2012, p. 5).

A sustentabilidade é uma temática cada vez mais presente nos documentos, diretrizes e políticas para a educação, a exemplo do Programa Mais Educação (BRASIL, 2010), o qual sugere a criação de espaços educadores sustentáveis. Estes espaços são definidos por Trajber e Sato (2010, p. 71) como

[...] aqueles que têm a intencionalidade pedagógica de se constituir em referências concretas de sustentabilidade socioambiental. Isto é, são espaços que mantêm uma relação equilibrada com o meio ambiente; compensam seus impactos com o desenvolvimento de tecnologias apropriadas, permitindo assim, qualidade de vida para as gerações presentes e futuras.

Nesta perspectiva, a cúpula geodésica está coadunada com a ideia da constituição de espaço educador sustentável e de ambientalização das IE, seja pela menor demanda do uso de recursos naturais e, como consequência, pela diminuição dos impactos ambientais causados por tal utilização, seja por despertar e incitar novas práticas educativas.

O movimento de ambientalização nas IE tem se empenhado em incorporar a dimensão ambiental no cotidiano destas instituições a partir de maior vinculação das temáticas ambientais com as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Esta aproximação tem o intuito de dar maior visibilidade à sustentabilidade, promover a reflexão e fomentar novas formas de enfrentamento aos fatores que hoje causam o desequilíbrio socioambiental, tal como afirmam Guerra e Figueiredo (2014).

Abordar as dimensões da sustentabilidade nas universidades representa a possibilidade de desenvolver novas formas de agir no mundo, respeitar os saberes não disciplinares na construção do conhecimento, valorizar a diversidade de pensamentos e criar inovações para atuar na formação e prática profissional, nas atividades de extensão e na gestão ambiental (GUERRA; FIGUEIREDO, 2014, p. 145).

Referente às edificações das IE, a utilização de materiais sustentáveis na construção dos espaços educativos tem sido foco de estudos (RUSSI; ROCHA, 2014; DEEK; CASAGRANDE JR; SILVA, 2008). Projetos arquitetônicos que contemplam a utilização de placa solares, de captação de água e de aproveitamento da luz solar somam-se ao movimento de ambientalização ao sinalizarem possibilidades de construções sustentáveis.

Para Kitzmann (2007), ambientalizar o ensino, ou seja, inserir a dimensão ambiental nas IE, suscita tanto alterações curriculares quanto alterações estruturais e de gestão. Para a autora, ambientalizar o ensino implica em “inserir a dimensão socioambiental onde ela não existe, ou está tratada de forma equivocada” (KITZMANN, 2007, p. 554). Decorre desta compreensão a necessidade de ambientalização dos espaços destinados às práticas pedagógicas, no sentido de garantir que a sustentabilidade contemple todo o contexto educativo, considerando que a educação não se faz somente com e a partir dos conteúdos e métodos de ensino desenvolvidos. Educação se faz em um contexto, em um lugar determinado. Neste sentido, torna-se importante pensarmos estratégias sustentáveis para a implementação de espaços físicos destinados às práticas educativas e ao desenvolvimento da Educação Ambiental.

De acordo com Brandão (2005), é necessário pensar a Educação Ambiental considerando os processos de socialização, os quais implicam diretamente no desenvolvimento do processo educativo. Seria considerar a forma como nos relacionamos com a natureza, ou seja, a forma de estarmos no mundo, a qual o autor denomina de “socialização da natureza” (BRANDÃO, 2005, p. 73). Tal socialização envolve nossas ações, sentimentos e pensamentos sobre o ambiente natural para que o transformemos em virtude de nossas necessidades. Quanto mais harmônicas forem estas relações, mais tranquilas serão as modificações e menos desastrosas serão as consequências das transformações.

Se o sentido da educação é criar redes fluídas de processos do saber, de um ponto de vista de uma sociologia e de uma psicopedagogia dialógica do aprender, então boa parte de sua razão de ser estaria na criação de redes de co-criadores do próprio saber. Redes cada vez mais amplas de pessoas ativas

e solidariamente criadoras, através de práticas de partilha em todos os processos de criação e aquisição de conhecimento, dentro e fora do âmbito da escola (BRANDÃO, 2005, p. 54).

Neste mesmo viés e refletindo sobre como as práticas de Educação Ambiental podem contribuir para uma reapropriação social dos lugares, Grün (2008) leva a refletir sobre a importância de as práticas de Educação Ambiental serem orientadas para a aproximação dos indivíduos ao lugar em que estão inseridos, a partir do entendimento do funcionamento das relações e das dinâmicas da vida, locais e globais. Para o autor, “estar em um lugar”, ter a “noção de lugar” é um modo de pertença ao mundo e é importante para nossa percepção primária e interconexões com o mundo não-humano. Deste modo, talvez possamos dar os primeiros passos na revalorização da localidade e do ‘conhecimento local’” (GRÜN, 2008, p. 8, grifos do autor).

Assim, as práticas de Educação Ambiental propiciam a compreensão dos fenômenos em toda sua complexidade, compreendendo que as ações humanas decorrem das interações ambientais, sociais, culturais e políticas, buscando, neste sentido, estabelecer novos modos de ser, de sentir, de pensar e de agir.

Nesse sentido, espera-se que, por meio da Educação Ambiental, ocorra a integração entre as diferentes experiências de vida, entre diversos modos de sentir e pensar, estimulando as sensibilidades para que as IE se tornem lugar de construção de valores e sentidos com vistas à melhoria da qualidade de vida, a solidariedade e a paz.

Os lugares, a identidade e o sentimento de pertencimento

Embora a escola seja uma instituição eminentemente pedagógica, ou seja, um lugar de formação de valores e de sentidos, e também de transformação, não há como desconsiderar que ela faz parte do contexto em que está inserida. Portanto, acaba por reproduzir o *modus operandi* do sistema vigente, em outras palavras, o modo opressor e reprodutor do sistema capitalista.

A realidade do mundo contemporâneo, na qual as relações são cada vez mais distantes e onde a experiência não é mais centrada no lugar onde se vive, tem ocasionado alterações na estrutura social dos lugares. Tais alterações, de certa forma, trazem para o lugar algo novo, que não é seu, gerando sentimentos negativos, como de insegurança, incerteza e

ansiedade. Tais sentimentos implicam diretamente nas identidades dos sujeitos e na sua relação com o lugar.

Para Oliveira (2014), o lugar é algo determinado, constituído histórica e socialmente em diferentes temporalidades. De acordo com a autora, lugar é tempo lugarizado. O lugar fornece a referência de sermos e estarmos no mundo, constituindo, desta forma, a base, ou ponto de referência para nosso sentimento de pertencimento.

Nesta perspectiva, um mesmo lugar pode ter sentidos e significados diferentes para indivíduos diferentes, em tempos diferentes. É a familiaridade com o espaço, a experiência vivida nele que permite que um espaço se torne lugar. Assim, lugar tem a ver com memória e também com identidade, as quais lhe dão sentido, ou seja, lhe dão lugaridade. Desta forma, podemos pensar o espaço como algo que remete à ideia de liberdade; ele é mais distante, está sempre em movimento, é abstrato. Já o lugar, constituído por variados significados, é concreto, próximo e remete ao aconchego, amplia o sentimento de segurança.

Segundo Santos (2005), o lugar é uma categoria concreta, real, é o espaço da existência e coexistência, do cotidiano. Um cotidiano que se modifica rapidamente diante da globalização e do avanço tecnológico, estabelecendo, nos lugares, uma nova forma de convívio, um novo cotidiano, no qual os sujeitos se distanciam cada vez mais dos mais próximos para estarem junto dos mais distantes. Para Santos (2013, p. 13), “todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares”. Assim, todos os lugares são virtualmente mundiais, ao mesmo em tempo que são diferentes. Sendo produzido e/ou reproduzido a partir da atividade humana, é na dinâmica da vida socioespacial que o lugar se faz.

Neste sentido, lugar é uno e ao mesmo tempo múltiplo, é físico, material, mas subjetivo e complexo também. Nesta dinâmica, lugar é singular e ao mesmo tempo plural, é concreto e abstrato, é localizado em determinado espaço e tempo e originário de relações entre os sujeitos e o meio, sendo implicado por circunstancialidades. Isto significa ser interpelado por situações experienciais, dadas em um espaço delimitado, e também pelas coisas que os circundam, o mundo circundante, o contexto. São as circunstancialidades que definem a natureza do lugar, as formas de ser e o estar dos sujeitos no mundo, o habitar.

De acordo com Santos (2013), os lugares, regulados pela lógica do capital, constituem-se a partir de horizontalidades e de verticalidades, as quais nos fornecem a referência de sermos e estarmos no mundo, constituindo, assim, a base para nosso

pertencimento. “Cada lugar, porém, é ponto de encontro de lógicas que trabalham em diferentes escalas, reveladoras de níveis diversos, e às vezes contrastantes, na busca da eficácia e do lucro, no uso das tecnologias do capital e do trabalho” (SANTOS, 2013, p. 5).

A horizontalidade pode ser entendida como as características contínuas de uma região, de um ponto no espaço. Nela atuam forças centrípetas, caracterizadas pelos processos econômico e social, pela agregação e pela convergência. Já a verticalidade diz respeito às condicionantes, às imposições, tanto para o funcionamento de um lugar, quanto para sua economia e sua política. Na verticalidade agem forças centrífugas, que desagregam e promovem a exclusão social. São elas que trazem, para o lugar, o que não é seu, algo de fora, que modifica este lugar a favor de interesses externos. Estas verticalidades, que são hierárquicas, criam a interdependência entre os lugares, fazendo com que a estruturação natural de um determinado lugar se modifique para atender a lógica da globalização. Assim, a lógica do mercado busca uma nova estruturação, uma solidariedade organizacional e faz surgir uma nova realidade, um novo lugar.

Os territórios, as territorialidades e os lugares, vistos a partir de uma perspectiva social, favorecem uma ampliação da compreensão das relações existentes entre os sujeitos e o meio, entre o indivíduo e o lugar. Os sujeitos, nesta perspectiva, são entendidos como atores sociais, que se compreendem sujeitos de um determinado lugar, assim como sentem o lugar como algo seu. Nesta perspectiva, quanto mais ativo e consciente de si seja o sujeito, mais representativo de um lugar este sujeito é. A partir desta consciência aflora o sentimento de pertencimento e de responsabilidade para com o lugar.

Mello (2014, p. 35) aponta para o “Balé do Lugar”, que expressa o movimento dialético da relação que ocorre entre o homem, o espaço e o tempo. Este balé diz respeito aos movimentos corporais feitos e vividos nas atividades diárias, cotidianas, coletivas ou individuais, que implicam diretamente na constituição dos lugares.

O autor também destaca o lar, a casa e o bairro como os principais lugares onde acontece a existência humana, inferindo que a casa é o primeiro lugar que possibilita ao sujeito o sentimento de pertencimento. Ele apresenta, também, outros tipos de lugares, cada um com características e perspectivas diferentes, como os claustros de pertencimento ou de exclusão, os lugares de liberdade e escapismos, os lugares passados, eternizados na memória. Cada um destes tipos de lugar diz respeito à experiência vivida, aos sentimentos e aos significados produzidos.

Sendo o corpo a concretude, a materialidade dos sujeitos, é a partir da corporeidade que é possível a manifestação humana em todas as suas relações. A partir da corporeidade, entendida como as ações do corpo em variados contextos, que os sujeitos, nas suas mais diversas relações, configuram os lugares. Corpo e lugar não podem ser separados, eles são e estão, constantemente, imbricados um no outro e ambos são condicionados pelas circunstâncias do contexto. É através do corpo que o homem se faz, existe e, assim, dá sentido ao lugar. Tal como destaca Chaveiro (2014, p. 250), “[...] não é possível haver existência do corpo e da vida sem o espaço e seus componentes, como não é possível existir espaço, lugar, paisagem ou outro atributo que permite a experiência humana, sem a presença do corpo”.

Atualmente, mesmo que possamos estar em vários lugares e com várias pessoas ao mesmo tempo, encontramos-nos cada vez mais isolados, mais inseguros e sem perspectivas. Nossa experiência, nosso dia a dia tem sido marcado por inúmeras conexões e desconexões, como se vivêssemos em dois mundos, o mundo on-line e o mundo off-line (BAUMAN, 2010). E neste movimento constante de conectar e desconectar, fazemos o esforço, a todo instante, para dar conta de criarmos múltiplas identidades com a intenção de sermos aceitos e, assim, nos sentirmos pertencendo a algum grupo, a algum lugar, mesmo que seja um não-lugar.

O que importa aos jovens é conservar a capacidade de recriar a "identidade" e a "rede" a cada vez que isso se fizer necessário ou esteja prestes a sê-lo. A preocupação de nossos antepassados com a identificação é substituída pela reidentificação. As identidades devem ser descartáveis [...] (BAUMAN, 2010. p. 69, grifos do autor).

Ocorre que muitas vezes nem sabemos ao certo a que grupo pertencemos e de que lugar somos. Somos constantemente atingidos e impactados pela lógica perversa do capital, em que é preciso fazer circular os bens. Atendemos as demandas de consumo exacerbado, tanto de coisas quanto de pessoas. Decorrem disto as inúmeras crises de identidade que passamos e o sentimento de não pertencimento a lugar nenhum, o sentimento de um vazio existencial. Tal sentimento vem sendo apontado como produto e produtor dos desequilíbrios socioambientais que temos experimentado nos dias de hoje.

Sá (2005) salienta que, para entendermos a crise atual, é preciso termos maior compreensão acerca da pessoa humana em seus lugares de existência e do sentimento ou não sentimento de pertencimento que ela tem para com o lugar. Também destaca que é preciso romper com a visão particularizada e fragmentada do ser humano para que possamos

buscar alternativas para a superação ou reversão dos riscos ambientais, bem como da exclusão social.

“Se sentir em lugar” é uma condição *sine qua non* de nossa existência e é também uma condição ecológica de nossa residência no mundo, seja lá onde for que estivermos. Não vivemos no espaço absoluto ou no ar, mas em “lugares” nos quais existem “arte, sonhos, vidas, mitos e estórias” (CASEY, 1998 *apud* GRÜN, 2008, p. 8, grifos originais).

Para nos sentirmos inseridos em determinado contexto ou lugar, buscamos constituir uma identidade social e, com ela, tentamos garantir e legitimar a nossa identidade individual, ou seja, aquela que dará significado ao nosso *eu* e uma identidade social, representada pelas comunidades de referência, a qual nos permitirá tanto reconhecer como confirmar nossa identidade pessoal (BAUMAN, 2005). Através da interrelação entre a identidade social com a individual, buscamos fortalecer o sentimento de pertencimento ao grupo, ao coletivo, ao *nós*.

Assim, é no lugar e a partir dele que acreditamos ser possível o fortalecimento da identidade dos sujeitos para que, assumindo-se enquanto parte, ou seja, sentindo-se pertencente ao lugar, se possa estabelecer uma nova forma de ser e estar no mundo para, quem sabe, superarmos a crise socioambiental em que nos encontramos.

Considerações

Possibilitar maior aproximação dos sujeitos ao seu lugar talvez seja o grande desafio e objetivo da Educação Ambiental. Este também foi o objetivo e o que nos mobilizou a construir a cúpula geodésica no IFSul/CaVG. As IE precisam ser lugares onde gestores, técnicos professores, estudantes e comunidade sintam-se bem. No entendimento de que o sentimento de pertencimento advém da estreita relação dos sujeitos com os lugares onde habitam, edificações sustentáveis, como uma cúpula geodésica, poderão propiciar esta aproximação, promovendo o retorno ao lugar, estimulando e desenvolvendo a capacidade de conviver e partilhar. Isto favorece que os sujeitos sintam-se parte do contexto em que estão inseridos, bem como percebam e compreendam o outro e que tenham como base para suas ações cotidianas o respeito e a solidariedade.

O princípio do pertencimento traz em seu bojo a questão da subjetividade como uma dimensão intrínseca do conhecimento vivo e humano, e que

integrá-la é condição de acesso à objetividade, isto é, à possibilidade de um conhecimento que se sabe pertencente e se quer compatível com a complexidade do vivido (SÁ, 2005, p. 253).

Sendo o lugar um local de resistência e de possível enfrentamento à lógica mercadológica imposta pelo sistema capitalista, é nele e a partir dele que acreditamos ser possível o fortalecimento da identidade dos sujeitos para que, assumindo-se enquanto parte, ou seja, sentindo-se pertencentes ao lugar, se possa estabelecer uma nova forma de ser e estar no mundo.

Como lugar é movimento, é nele e no fortalecimento de sua horizontalidade que reside a esperança na superação do modo de vida atual. É no lugar que podem ser feitas ações, de forma coletiva, que permitam ampliar as possibilidades de maior harmonia e equilíbrio, que nos possibilitem atingir uma nova racionalidade. “A questão, para nós, seria descobrir e pôr em prática novas racionalidades em outros níveis e regulações mais consentâneas com a ordem desejada, desejada pelos homens, lá onde eles vivem” (SANTOS, 2013, p. 29).

É na possibilidade de reinvenção e reorganização do lugar que, de forma esperançosa, Santos (2005, p. 254) aponta os caminhos para uma nova globalização e nos faz sonhar com um “período popular da história”, um período de encontro e partilha, de maior igualdade e justiça. Esta nova globalização possibilitaria a construção de um novo mundo, um mundo de pessoas engajadas e solidárias, um mundo mais humano.

Nesta perspectiva e no sentido de reorganizar e reinventar o lugar, a cúpula geodésica apresentou-se como possibilidade de inovação e renovação de práticas educativas realizadas no âmbito da EBTT, contemplando o ensino, a pesquisa e a extensão. Utilizada como sala de aula, laboratório de pesquisas, lugar de encontros e de partilhas, buscou romper com as verticalidades impostas no IFSul/CaVG e converge, como sugere Santos (2012), para a constituição de um espaço banal, ou seja, um lugar de todos. Um lugar onde a afetividade e a proximidade permitam estreitar as relações, despertando e aumentando o sentimento de pertencimento.

Assim, cabe às IE um empenho na construção e implementação de espaços de convivência, de trabalho, bem como de salas de aula com estruturas físicas e equipamentos adequados, que instiguem o diálogo, que busquem aproximar os sujeitos, que possibilitem e engendrem práticas educativas inovadoras. A cúpula geodésica construída no IFSul/Ca\VG é um exemplo de construção sustentável que, devido a sua arquitetura, amplia as possibilidades

do encontro, da contemplação, do diálogo e do compartilhamento, bem como desperta os sentidos humanos, integrando saberes e experiências.

A implementação de edificações como a cúpula geodésica, nos contextos educativos, contribui para o movimento de ambientalização das IE ao suscitar novos encaminhamentos metodológicos, promover a horizontalização das relações, estimular a sensibilidade e a criatividade humana, bem como permitir que as IE se tornem lugares bonitos, prazerosos e acolhedores.

Por fim, pode-se considerar que o estreitamento dos laços afetivos, as experiências de amor e reciprocidade, entre outros, são elementos fundamentais para pensarmos em lugares mais harmoniosos e equilibrados. Lugares pautados pelo respeito, pelo diálogo e pela solidariedade, lugares onde possamos experimentar a vida na sua forma mais plena.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Capitalismo Parasitário e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BRANDÃO, Calos Rodrigues. **As flores de abril: movimentos sociais e educação ambiental**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

BRASIL. Decreto nº 7.083 de 27 de janeiro de 2010. **Dispõe sobre o Programa Mais Educação**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 jan 2010.

_____. Lei nº 12.484, de 08 de setembro de 2011. **Dispõe sobre a política nacional de incentivo ao manejo sustentado e ao cultivo do bambu**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 08 set. 2011.

_____. Resolução n. 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 116, seção 1, p. 70, 18 jun. 2012.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e Lugar: Elos da Produção da Existência. In: MARANDOLA JR, Eduardo. HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

DEEKE, Vânia; CASAGRANDE JR, Eloy Fassi; SILVA, Maclovia Correia da. Edificações sustentáveis em instituições de ensino superior. In: 7º Seminário Internacional NUTAU, 2008, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFTPR, 2008, p. 1-10. Disponível em:

<http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/grupos/tema/18edificacoes_sustentaveis_ies.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.

DUARTE JR. João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3. ed. Curitiba: Criar edições. 2004.

ESTÉVEZ, Pablo René. **Educar para el bien y la beleza**. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GRÜN, Mauro. A importância dos lugares na Educação Ambiental. In: **Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. especial, dezembro de 2008. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3384/2030>>. Acesso em: 08 maio 2017.

GUERRA, Antônio Fernando Silveira; FIGUEIREDO, Mara Lúcia. Caminhos e desafios para a ambientalização nas universidades: panorama, reflexões e caminhos da tessitura do Programa Univali Sustentável. In: RUSCHEINSKY, Aloisio et al. **Ambientalização nas instituições de educação superior no Brasil: caminhos trilhados, desafios e possibilidades**. São Carlos: EESC/USP, 2014.

KITZMANN, Dione Lara Silveira. Ambientalização de espaços educativos: aproximações conceituais e metodológicas. **Revista eletrônica do mestrado em Educação Ambiental**, v. 18, p. 553-574, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3588/2136>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

MELLO, João Batista Ferreira de. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther., OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

MORAES, Maria Cândida; NAVAS, José Miguel Batallosa (colab.). **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: Fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

OLIVEIRA, Lívia de. O sentido de Lugar. in: MARANDOLA JR, Eduardo, HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

RUSSI, Madalena; ROCHA, Karla Marques da. Arquitetura do espaço escolar, adequação da edificação aos parâmetros ambientais: estudo de caso CTISM-Colégio Técnico Industrial de Santa Maria. **Regae - Revista de Gestão e Avaliação Educacional**, [S. l.], 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=471847067005>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

SÁ, Laís Mourão. Pertencimento. In: JR, Luis Antônio Ferraro (org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, v. 01. p. 245 - 255.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: OSAL: **Observatorio Social de América Latina**. Año 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4.ed. São Paulo: Editora da USP, 2012.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico informacional**. 5. ed. São Paulo: Editora da USP, 2013.

TRAJBER, Raquel; SATO, Michèle. Escolas sustentáveis: incubadoras de transformações nas comunidades. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. v. especial, 70 – 78, set, 2010. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3396>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

WERMANN, José Alfeu; MACHADO Fabrício Fonseca. Uma aproximação entre a Academia de Platão, o Liceu de Aristóteles e as universidades. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre**, Pouso Alegre, v. VIII, n. 19, 2016. Disponível em: <<http://www.theoria.com.br/edicao19/01012016RT.pdf>>. Acesso em: 25 jul.2018.

RECEBIDO 26 DE MARÇO DE 2019.

APROVADO 20 DE MAIO DE 2019.